

Economia

7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 16 de novembro de 2025

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dab.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)



Bolsas
Na sexta-feira
0,37%
São Paulo

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
155.257 **157.739**
11/11 12/11 13/11 14/11

Dólar
Na sexta-feira
R\$ 5,297
(-0,02%)

Últimos
10/novembro 5,307
11/novembro 5,273
12/novembro 5,293
13/novembro 5,298

Salário mínimo
R\$ 1.518

Euro
Comercial, venda na sexta-feira
R\$ 6,154

CDI
Ao ano
14,90%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
14,90%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)
junho/2025 0,24
Julho/2025 0,26
Agosto/2025 -0,11
Setembro/2025 0,48
Outubro/2025 0,09

TARIFAÇO

Perda de mercado nos EUA preocupa exportadores

Cafeicultura é um dos setores que mais temem a demora nas negociações com a Casa Branca. No caso das carnes, as perdas chegam a US\$ 700 milhões. O medo é ver os produtos brasileiros perderem a preferência do consumidor norte-americano

» RAPHAEL PATI

A redução de 10% na tarifa de importação cobrada pelos Estados Unidos sobre cerca de 200 produtos alimentícios comercializados com todo o mundo representa um "passo importante" para o governo brasileiro, como disse o vice-presidente da República e Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin, em entrevista coletiva no Palácio do Planalto, na manhã de ontem. Apesar disso, alguns setores ainda são onerados com uma alíquota de 40%, a partir da decisão do último mês de julho, como é o caso do café e da carne bovina, e sofrem com a perda de competitividade, sobretudo em relação ao primeiro caso.

O café ficou de fora da lista de exceções anunciada pelos EUA para conter efeitos inflacionários negativos aos norte-americanos. Entre os itens que entraram nessa regra, estão desde celulose e suco de laranja a minério de ferro e peças de aeronaves. Apesar da redução de 10% na tarifa em vigor, o diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Marcos Matos, explica que o setor ficou muito preocupado com essa nova medida do presidente Donald Trump. A explicação disso é que, enquanto a alíquota do produto brasileiro passou de 50% para 40%, os principais concorrentes do país, como Colômbia e Vietnã, tiveram a tarifa zerada por meio do mesmo decreto.

"Quando nossos concorrentes passaram a ocupar o espaço do Brasil, o consumidor norte-americano já comece a se adaptar a esses novos parâmetros sensoriais, a esse novo paladar. Então, quanto mais tempo a gente seguir com essa perda de competitividade, pior é. E a gente pode ter algo irreversível, porque o consumidor vai se adaptar a esses novos parâmetros sensoriais", esclarece Marcos Mota.

No último mês de agosto, as exportações de café brasileiro para os EUA tiveram uma retração de 46%. O movimento continuou nos períodos seguintes, com queda de 52,8%

em setembro e 54,4%, em outubro, de acordo com dados levantados pela Cecafé. Além do impacto da medida, o setor também amargou uma colheita mais fraca em 2025, como lembra o diretor da entidade. O volume de exportações de janeiro a outubro é 20% menor na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Produto a produto

Diante disso, o setor espera que o governo brasileiro, por meio do vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin, negocie "produto a produto" as isenções de tarifa de importação, e não um possível adiamento das taxas, como indicam algumas fontes do governo sobre as negociações entre os dois países.

"O Brasil, quando tiver uma safra melhor – e é esperado isso para 2026 –, não vai ter o nosso principal mercado. Então, a gente tem que correr contra o tempo, pedindo ao governo brasileiro, em nome do vice-presidente Geraldo Alckmin, para ter uma negociação célere, voltada para os produtos. Não aquela negociação protocolar, uma isenção de 100% para 90 dias, por exemplo", destaca.

A situação também não é fácil para os consumidores norte-americanos. Com as tarifas em vigor, o preço do café nos EUA ficou cerca de 20% mais caro em 2025, na comparação com o ano anterior.

"Então, essa é a nossa situação: muita preocupação, prejuízos, contratos em aberto, contratos cancelados, contratos postergados e o nosso concorrente assumindo a nossa posição no mercado norte-americano", acrescenta Matos. A entidade brasileira mantém contato diário com a National Coffee Association (NCA) – que representa os comercializadores do produto nos EUA – para tentar uma negociação individual com o governo norte-americano.

A Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA) lamentou a exclusão do produto da lista de Trump. "Tal situação, de manutenção de elevada posição tarifária

Fotos: Reprodução/Pinterest



Setor de café do Brasil amarga retração de mais de 50% nas exportações para os EUA e pede pressa nas negociações para redução de taxas



A gente tem que correr contra o tempo, pedindo ao governo brasileiro para ter uma negociação célere, voltada para os produtos. Não aquela negociação protocolar, uma isenção de 100% para 90 dias, por exemplo"

Marcos Matos, diretor-geral do Cecafé

imposta ao Brasil, amplia as distorções no comércio e tende a intensificar, no curto prazo, a queda nas exportações de cafés especiais aos Estados Unidos", comentou a associação.

Para o setor de carnes, apesar do forte crescimento das exportações para o resto do mundo neste ano, o setor deixou de arrecadar US\$ 700

milhões de agosto a outubro, sómente com a perda das vendas para os EUA. Os dados foram levantados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), que apresentam uma receita de US\$ 1,89 bilhão no mês passado, o que representa uma alta de 37,4% em relação ao mesmo período de 2024.

Apesar disso, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne avaliam que a redução não traz prejuízo ao setor no Brasil. "Mesmo com tarifas muito altas, o Brasil manteve embarques para os EUA porque hoje há uma forte demanda americana por matéria-prima para a indústria, e poucos países conseguem suprir esse volume com regularidade. Além disso, o produto brasileiro não compete diretamente com Austrália, Canadá ou México no varejo americano", explica, em nota, a entidade, que vê qualquer redução neste momento como bem-vinda.

Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Albal, a entidade dos EUA de reduzir as tarifas para esse grupo de alimentos expõe a urgência de o Brasil avançar na negociação para reverter a taxa de 40% aplicada aos produtos brasileiros. "Países que não enfrentam essa sobretaxa terão mais vantagens que o Brasil para vender aos americanos. É muito importante negociar o quanto antes um acordo para que o produto brasileiro volte a competir em condições melhores no principal destino das exportações industriais brasileiras", comenta.

Alckmin: "Distorção a ser corrigida"

O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin, comemorou a redução de 10% na tarifa de importação dos EUA sobre café, carne bovina e frutas tropicais, como mamão papaya, manga e banana. O ministro disse que a medida vai na direção correta e deve beneficiar o Brasil, apesar da ressalva de que a redução vale para todos os países. "Foi positivo e vamos continuar trabalhando. A conversa do presidente Lula com o presidente Trump foi importante no sentido do diálogo e da negociação, e, também, o encontro do chanceler Mauro Vieira com o secretário de Estado (dos EUA), Marco Rubio", destacou.

Com a medida, 26% dos produtos brasileiros comercializados nos Estados Unidos passam a ficar isentos de tarifa adicional. Antes, eram 23%. Isso representa cerca

de R\$ 10 bilhões em valores obtidos pelas exportações.

Sobre a alíquota de 40% ainda em vigor, o vice-presidente disse que essa é uma distorção e que o governo deve seguir no trabalho para reduzir o tarifaço. "Há uma distorção que precisa ser corrigida. Todo mundo teve 10% a menos. Só que, no caso do Brasil, que tinha 50%, ficou com 40%, que é muito alto. O Brasil está aberto ao diálogo e quer resolver, porque quando o produto americano entra no Brasil, dos 10 produtos que eles mais exportam para nós, em 8, a alíquota é zero. E os Estados Unidos têm superávit na balança comercial com o Brasil. O Brasil não é problema, o Brasil é solução", acrescentou o ministro.

Na última quarta-feira (13), após se encontrar com o secretário de Estado Marco Rubio, o chanceler brasileiro, Mauro Vieira, disse

que o país espera uma resposta do governo Trump ao tarifaço até a próxima semana. Na avaliação da internacionalista e diretora de Relações Governamentais da BMJ Consultores, Rebeca Lucena, o momento é de otimismo em relação ao diálogo entre os dois países, após um período conturbado de tensão entre os presidentes Lula e Donald Trump. "Desde o encontro entre os dois, em Nova York, em setembro, as conversas se intensificaram e voltaram a ocorrer de maneira consistente", destaca.

Reciprocidade

A bordo do Air Force One, o presidente dos Estados Unidos disse a jornalistas, após anunciar a redução das tarifas, que acha não ser mais necessário reduzir tarifas no momento, o que acende o alerta do governo brasileiro. "Nós acabamos

de fazer um pequeno recuo com alguns produtos, como o café, por exemplo. Os preços do café estavam um pouco altos e agora estarão mais baixos muito em breve", disse o republicano.

Apesar da possibilidade de invocar a Lei de Recíprocide Econômica, aprovada em tempo recorde em abril deste ano pelo Congresso Nacional, o governo deve seguir na linha diplomática, por enquanto, para tentar revertir o tarifaço. "Apesar do debate público em torno do tema, o Brasil tem adotado uma postura claramente diplomática e privilegia o entendimento político desde o início do tarifaço. Medidas unilaterais poderiam gerar ruídos no momento em que as negociações começam a avançar, e o governo deve seguir pelo diálogo como principal via para reduzir as tarifas impostas pelos EUA", completa a especialista. (RP)

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Para Geraldo Alckmin, o Brasil "não é problema, é solução"